

Edição especial Semiótica de MATRIZES

Entre os dias 2 e 5 de julho de 2024, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), sediou o X Congresso da Federación Latino-americana de Semiótica (Fels), juntamente com outras 17 universidades brasileiras e seis internacionais. Inaugural na quantidade, diversidade e potência das parcerias expressa no Conselho Científico do evento, foi também o primeiro congresso que integrou as diferentes correntes semióticas a partir de seus usos e suas reflexões em regionalidades científicas diversas, de Comunicação, Letras, Filosofia, Direito, Artes e até Engenharias. Com mais de 700 participantes, de 22 países diferentes, 408 trabalhos apresentados em conferências, painéis e mesas de debates, configurou-se como um dos maiores congressos de semiótica já realizados na América Latina. Além de momentos marcantes que ficaram nos registros institucionais e na memória dos que compartilharam esses dias, o legado se materializa nos desdobramentos acadêmicos, nas parcerias internacionais criadas e outras fomentadas e nas produções científicas realizadas e em produção.

É nesse contexto que surge esta edição especial *Semiótica* de *MATRIZES*, periódico do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, que nos seus quase 53 anos de existência segue na missão de formar novos pesquisadores, fomentar a produção e a circulação de conhecimento no campo da Comunicação e suas interfaces e no compromisso ético e estético com a melhoria da sociedade brasileira e mundial.

Os textos reunidos nesta edição são a expressão da riqueza das discussões oferecidas pelos pesquisadores brasileiros, latino e ibero-americanos e europeus convidados e demonstrar a relevância das pesquisas empreendidas por esses semioticistas, em distintos países e instituições. Juntos, esses professores formaram centenas de outros pesquisadores que atuam na docência, na pesquisa e na construção das políticas científicas do campo, em instituições nacionais e internacionais. São 17 artigos que aportam olhares inovadores e direcionados ao

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p1-8>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil EDITORIAL p. 1-8

MATRIZES

futuro da semiótica como teoria e método, como campo científico e epistemológico e como ciência que se concebe aberta à interdisciplinaridade e em crescimento.

O texto que abre a edição especial *Semiótica de MATRIZes*, “Chronos, Kairós e a semiótica das coisas sem nome”, de autoria de Ivo Ibri, professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), nos oferece uma reflexão sensível e uma imersão poética a partir do realismo que caracteriza a filosofia de Charles S. Peirce. À luz desse realismo, a semiótica expande seus significados ao universo dos signos humanamente constituídos e àqueles do mundo natural. Aproximando essa reflexão aos princípios do Pragmatismo de Peirce compreendemos sua universalidade uma vez que o humano e o natural, a subjetividade e a objetividade, a interioridade e a exterioridade, a mente e a matéria, desde que submetidos às mesmas três categorias fundamentais da experiência e do pensamento, são inseparáveis. Com esse fundamento teórico-filosófico, Ibri toma as dimensões do tempo nesses dois universos que existem em *continuum*, elaborando o conceito “coisas sem nome”. O autor nos oferece uma imersão sensível e densa na filosofia de Peirce, apresentando-a como poesia, um sofisticado, competente e inovador caminho próprio daqueles que se lançam à arte.

Maria Giulia Dondero, professora da Universidade de Liège, Bélgica, nos apresenta o texto “Semiótica da inteligência artificial: análise computacional de grandes bases de dados e geração automática de imagens”, no qual elabora reflexões sobre a Inteligência Artificial (IA) como expressão da complexidade das linguagens e das ações humanas. A IA como instrumento semiótico é compreendida por meio da teoria da enunciação de É. Benveniste, prioritariamente a partir dos desenvolvimentos em semiótica pós-greimasiana e dos recentes ensinamentos de Jacques Fontanille. Essa base teórica possibilitou a reflexão sobre a relação banco de dados de imagens e algoritmos na análise de grandes coleções de imagens por meio da Computer Vision e, posteriormente, sobre os modos de diálogo dos usuários com o modelo de inteligência artificial generativa Midjourney, que permitiu abordar as dinâmicas criativas das máquinas.

“O futuro no rosto: da fisionomia à inteligência artificial” é o título do artigo de autoria de Massimo Leone, professor titular de semiótica da Universidade de Turin, Itália. O texto traz as principais conclusões de sua pesquisa empreendida ao longo de cinco anos e analisa a semiótica cultural da matemática como uma linguagem que se apoia na cognição humana. O estudo mostra o quanto a matemática foi frequentemente transformada em ferramenta utilitária que, em vez de medir a realidade, se tornou uma retórica tendenciosa. Essa retórica confere uma aura de comensurabilidade, exatidão e precisão a domínios humanos que, na realidade, não estão totalmente estruturados, além de estarem submetidos

a escolhas ideológicas. O artigo centra-se particularmente na medição matemática do corpo, com ênfase na cabeça e no rosto. A contagem e a medição do corpo foram essenciais para o desenvolvimento da medicina antiga como ciência e prática modernas. No entanto, essas práticas evoluíram frequentemente para técnicas de controle biopolítico. Esse ensaio debruça-se especificamente sobre a tradição da “mensuração facial”, que surgiu a partir do Iluminismo. A tradição defendia que a medição de cabeças, crânios e rostos podia levar a um conhecimento objetivo da beleza, inteligência, moralidade e posição dos indivíduos numa escala de evolução natural. Uma análise semiótica cultural dessa tradição revela que ela utilizou a matemática facial como um meio de ocultar e objetivar o preconceito racista. O autor chama a atenção ainda para o fato de que o preconceito não se encontra intrinsecamente nas medições em si, mas antes na decisão de medir.

Seguindo com as reflexões sobre IA, José Maria Paz Gago, professor catedrático da Universidade da Coruña, Espanha, nos oferece o texto “IArt-à-porter: a moda na era da inteligência artificial”. A partir do entendimento de que o sistema de moda foi colonizado pela IA multimodal, interferindo em todos os âmbitos, desde os esboços criativos de figurinos e padrões até campanhas publicitárias, tudo pode ser gerado e pode funcionar a partir das lógicas algorítmicas. A razão dessa precoce invasão é explicada pelas aplicações intermediárias criadas entre a realidade visual e a IA conhecida como metaverso. Esses espaços imersivos foram os antecedentes da IA na moda, o que incentivou a criação de ações emblemáticas das marcas de moda, muitas delas desfiladas na IAFashion Week. O texto apresenta as implicações semióticas decorrentes dessa incorporação tecnológica que cada vez mais tornam difíceis as distinções entre modelos reais e digitais. O autor elabora e articula os conceitos de representação, simulação e maquinação oferecendo chaves conceituais fundamentais à compreensão da IA na moda.

Ana Claudia de Oliveira, professora titular de semiótica da PUC-SP, traz suas reflexões sobre o futuro da semiótica no texto “Práticas de vida no futuro, prospecção semiótica: como o passado se reinscreve no hoje e no amanhã?”. A partir da análise da sociedade contemporânea tomada por crises plurais, a autora constata a falta de um direcionamento global rumo ao futuro. Falta algo novo que poderia se projetar sobre a atualidade do presente. Essa falta reside, então, em um sujeito competencializado para esse tempo novo. Um sujeito que carregue em sua atuação uma inventividade, que esteja apto com a sua competencialização cognitiva e performática a se deixar guiar por sua sensibilidade a fim de assumir-se sujeito criador. É preciso que o tempo futuro entenda as regras e as intencionalidades de suas narratividades e os sentidos que produzem

para daí poder ultrapassá-las e desenvolver, jogando com essas, para tirar delas proveito e as usar para chegar às novas formas. Nesse sentido, a prospecção semiótica indica que temos de nos constituir como sujeitos livres e criativos para a partir do social existente e jogando com ele, aproveitar-se dele para reinventar a interação em uma outra, o que faz advir sentidos novos.

Jean Cristtus Portela, semioticista e professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Araraquara, propõe à reflexão o texto “Semiótica e historiografia linguística: disciplinas contra-hegemônicas”. Tomando como ponto de partida as concepções da historiografia linguística e da história das ideias linguísticas, disciplinas, que como a semiótica geral, podem ser consideradas contra-hegemônicas, na medida em que desafiam o *status quo* de um determinado estado de ciência, o texto propõe uma leitura crítica do modo como os semioticistas se ocuparam da história da semiótica do discurso. Partindo de evidências que demonstram a força da abordagem historiográfica nos estudos semióticos, analisam-se algumas abordagens historiográficas nesse campo de estudo, com o objetivo de propor as linhas gerais de uma meta-historiografia de inspiração semiótica.

“Semiótica e interdisciplina no ecossistema mediático atual” é o artigo apresentado por José Luis Fernandez, professor catedrático da Universidade de Buenos Aires. Tradicional pesquisador da semiótica dos meios, o autor inicia suas reflexões chamando a atenção para a imprescindível necessidade de compreender os intercâmbios discursivos decorrentes das vindas plataformáticas, mas avança. O texto propõe uma revisão do trabalho de pesquisa desde a sociosemiótica das mediatizações e suas relações com outros enfoques. Inicia com a descrição do ecossistema midiático atual e dentro dele o enfoque sociosemiótico. São expostos caminhos metodológicos que se complementam, e ao final o autor sugere a integração tanto dentro da própria semiótica, quanto em outras regionalidades científicas que estudam e se ocupam das mediatizações.

Também da Universidade de Buenos Aires, apresentamos as reflexões de Mário Carlon, com o texto intitulado “Semiótica, (Hiper)Mediatización, Circulación y actores/enunciadores: ¿Hacia un enfoque macro-relacional no Antropocentro para pensar el futuro?”, uma contribuição alinhada à proposta temática do X Congresso da Fe “Semiótica do Futuro. Futuro da Semiótica”. O trabalho revisa como a sociosemiótica de inspiração peirciana se articulou com a teoria das mediações de Eliseo Verón nos anos 80 e 90, no contexto das relações com as noções clássicas da sociologia na era dos meios massivos. O autor nos oferece um quadro síntese dessas articulações que deixa explícito um paradigma antropocêntrico dominante na época. A partir desse quadro,

o texto nos leva a questionar o futuro dessa semiótica enquanto os indivíduos se apropriam da IA para produzir discursos e colocá-los em circulação, estabelecendo algumas observações sobre os aspectos que se alteram e aqueles que se mantêm na sociedade atual.

“Novas disquisições sobre a Corposfera. Sitofilia: corpo e sexo, erotismo e alimentação” é o título da contribuição de José Enrique Finol, da Universidade de Zulia, Venezuela. O texto aborda as relações entre corporeidade, comensalidade e eroticidade. Para tanto, analisa as organizações semióticas de algumas expressões e práticas ritualísticas e alimentares que se sustentam sobre o corpo, a comida e algumas manifestações eróticas. Tem tratamento especial o erotismo gastro-ritual, chamado *food porn*, o erotismo corpo-místico e a antropofagia erótica. O autor propõe um modelo de relações semióticas entre corpo, sexo e comida que resultaria de semelhanças e particularidades. A conclusão do trabalho permite compreender que a erotização do corpo encontra na comida, em sua representação e consumo, uma fonte de criação de significados eróticos e de imaginários coletivos potentes.

Óscar Quezada Macchiavello, Eduardo Yalán Dongo e Elder Cuevas-Calderón, professores do Grupo de Investigación Semiótica da Universidade de Lima, Peru, assinam o texto “DA receita-modelo para UMA receita com ar familiar: hedonismo estético e utilitarismo poético na abordagem semiótica do social”. Por meio das reflexões sobre as possibilidades de a língua expressar e conter o social, os autores apresentam um caminho reflexivo que interpela as dimensões do real e da realidade à luz da semiótica greimasiana. Se a linguagem é um evento constitutivo da vida e não apenas um instrumento contingente, se admitirmos que, como seres vivos, somos feitos de linguagem, então como não considerar o real como linguagem, como não fazer com que os animais, a terra, digam algo novamente? A semiótica dita padrão coloca o “real” entre aspas, como aquilo que nos toca, mas não é tocado. Zilberberg, por sua vez, entende que em todo valor há uma interseção “mística” entre uma valência intensiva e uma valência extensiva. Ele usa as aspas para aludir ao formidável contato que ocorre, no âmago do valor, entre o afeto e a cognição, entre o eu profundo e sombrio e sua fulguração superficial. O encaminhamento final dos autores é pela continuidade do hábito de fazer perguntas, seja para resolvê-las ou dissolvê-las.

“Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento”, de José Luiz Aidar, professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, parte da constatação de que vivemos no mundo da hiperatividade neoliberal do capitalismo comunicacional e que a midiaticização em rede traz o imperativo semiotizador

de produtividade que pede impacto social e atenção a capitalizar. Em relação à modernidade, há déficits e excessos. Convocando Habermas, o autor compreende sua tentativa de tratar essa crise a partir do dualismo sistema/mundo da vida e da pragmática universal. Já Honneth faz a crítica de Habermas a partir da proposição da teoria do reconhecimento. Os movimentos de reconhecimento sucederam as lutas capital/trabalho, centrando-se na luta política a partir da construção de identidades plurais. Em outra direção, Fraser propõe tensão entre reconhecimento e distribuição, ao passo que Safatle mostra o déficit de negatividade na crítica de Honneth. A conclusão de Aidar é que a questão hoje deve estar centrada no repensar o reconhecimento em cruzamento com o acontecimento, de modo a não naturalizar a cooperação, mas pensando a negatividade para criação de novos mundos, como preconizam Safatle e Badiou.

“Espaço-temporalidade e territorialidade: deslocamento interno forçado na Colômbia” é o título do artigo de Neyla Graciela Pardo Abril e Camilo Alejandro Rodríguez Flechas, professores da Universidade Nacional da Colômbia. Os autores desenvolvem uma proposta analítica a partir dos Estudios Críticos del Discurso Multimodal y Multimedial (ECDMM) para abordar a relação espaço-temporal, territorial e de memórias no marco da representação sobre a mobilidade forçada interna no conflito armado colombiano. A relevância dessa indagação procede, por um lado, pela importância do Informe Final de la Comisión de la Verdad; e por outro, pela visibilização institucional feita pela Unidad de Víctimas em 2024 quando reporta que em 31 de maio de 2024 há um total de 8.665.884 vítimas de deslocamento forçado interno. Assim, os autores propõem compreender e interpretar os fatores que determinam as causas e as consequências da mobilidade interna forçada, explicitando a necessidade de socializar o conhecimento sobre a situação social vivida por indivíduos e grupos que são vítimas desse tipo de crime. Aqui a semiótica é a chave teórica fundamental no âmbito de sua relevância para a transformação social.

O artigo “Utopias, fantasmas e ficções do fim”, de Carmen Fernández Galán Montemayor, da Universidade de Zacatecas, México, trata das articulações ente literatura e ciência, cujas conexões na modernidade fomentam o surgimento de novos tipos textuais, utopias e viagens, que são antecedentes da ciência ficcional como ensaio de futuros possíveis. Em 1979, Suvin escreveu a história da ciência ficcional a partir das viagens maravilhosas, as ilhas alternativas e o conceito de estranhamento histórico. A ficção latino-americana, que teve desenvolvimento tecnológico, seguiu um caminho totalmente diferente, fronteiro com o fantástico e o sobrenatural. A pesquisa da autora explora as fronteiras e possibilidades cognitivas da utopia, da ciência ficcional, do fantástico e das ficções apocalípticas e fantasmagóricas.

Celia Rubina Vargas, professora catedrática da Pontifícia Universidade Católica do Peru, apresenta o texto “A terra, as pedras, as montanhas nevadas e o sol na peregrinação anual ao Senhor de Qoyllurit’i. É possível um compromisso ético-semiótico com o meio ambiente?”. Esse título-pergunta sintetiza outra pergunta proposta pela autora, que se questiona sobre as urgências da sociedade contemporânea como caminho possível para pensar o futuro. A partir do interesse pelos estudos das práticas sociais religiosas de grande magnitude, complexidade e relevância no Peru, como é o caso da peregrinação ao Santuario del Señor de Qoyllurit’i, estabelecem-se questões sobre as possibilidades que a semiótica oferece como teoria e método que nos auxilia no compromisso ético com o meio ambiente. Para isso, a autora coloca em destaque as quatro figuras centrais da natureza: a terra, as pedras, os nevados e o sol que são parte essencial dos rituais de peregrinação. A ética ecológica da cultura *quéchua* oferece uma via para propor um compromisso ético para a semiótica.

“Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social” é o artigo decorrente da pesquisa de Paulina Gómez-Lorenzini, Liliana de Simone, Claudio Racciatti, da Pontifícia Universidade Católica do Chile, e de Vanesa Saiz-Echezarreta, da Universidade Castilla-La Mancha, Espanha. A partir da constatação de que a explosão social chilena ocorrida em 2019 representa um ponto de inflexão na história recente do país, os autores estudam o desencadeamento de uma forte crise sociopolítica cujas causas e expressões continuam a ser debatidas. Para alguns analistas, o fenômeno foi uma reação a décadas de políticas neoliberais, enquanto outros a associam à frustração com expectativas não atendidas em uma sociedade de consumo. O texto explora a estratégia do núcleo do protesto – a “linha de frente” – para se espalhar e permanecer ativo por meio de sua presença em espaços de consumo tradicionais. Usando uma abordagem netnográfica, os autores analisam os sistemas de significado do protesto em espaços comerciais, concentrando-nos nas dimensões afetivas relacionadas ao consumo no contexto das mobilizações. Investigam as formas pelas quais as atmosferas afetivas ligadas aos rituais de protesto e consumo atuaram de modo articulado como ferramentas sociopolíticas, reunindo diferentes espaços, coletividades e práticas e tentando estabelecer um diálogo – nem sempre bem-sucedido – no contexto da ruptura da ordem institucional.

No alinhamento com as conexões entre semiótica e consumo, Clotilde Perez, da Universidade de São Paulo, apresenta as conclusões da pesquisa no âmbito dos afetos nas relações de consumo, com o artigo intitulado “Semiótica dos afetos nos rituais de consumo: sensações, sentimentos e emoções”. Com base na semiótica peirciana, fundada nas categorias universais da experiência primeiridade, secundidade e terceiridade, a autora articula os pressupostos da antropologia

dos afetos, sendo o principal expoente Le Breton e da psicanálise freudiana. O robusto e interdisciplinar arcabouço teórico é base para o entendimento do consumo como ritual, nas suas articulações com os conceitos de identidade, cidadania. Para finalizar, a autora traz as reflexões sobre o consumo como ato de amor presente em Daniel Miller, em que compreendemos sua capacidade de produzir estímulos sensíveis, promover sentimentos agradáveis e gerar emoções promotoras de satisfação imediata alimentada pela publicidade, linguagem privilegiada do consumo e das marcas.

Para encerrar esta edição especial temos o texto de Roberto Flores, do Instituto Nacional de Antropologia e História, México, intitulado “Magia publicitária: a arte da mediação”. O autor propõe uma abordagem antroposemiótica dos anúncios publicitários por meio da união entre narrativa e produto. A hipótese central é a de que a publicidade se utiliza das mesmas estratégias da magia para persuadir e vender. Assim, para que o ato mágico-publicitário seja efetivo é preciso criar as condições rituais de sua apresentação, as quais criam, por meio da catarse, um sentimento de comunidade que envolve todos os personagens participantes da cena publicitária. A presença de observadores é inevitável na produção da catarse. Desse modo, a causalidade mágico-publicitária se difunde, não apenas entre os personagens, mas também transborda para alcançar os espectadores-consumidores.

Os leitores desta edição poderão analisar e alinhar propostas, objetos e problemas que compõem o futuro da semiótica e a semiótica do futuro. A semiótica, como nos lembrou Paz Gago na abertura do X Congresso da Fels em que se deram esses debates, não está na moda, não causa frisson, mas é cada vez mais numerosa, associada e institucionalizada. E quantos mais formos, mais diversos e matizados seremos. Nesse processo se diluem a metalinguagem e muitas posições teórico-metodológicas em proveito das soluções e arranjos de uma inteligência semiótica comunitária. A semiótica assim assimilada, secularizada, dá muitos e bons frutos e nos permite entrever uma grande e sempre promissora seara. Boa leitura! ■

*Clotilde Perez
Jean Cristtus Portela*